

## Quando gênero e sexualidade se tornam problema para um homem heterossexual

Gustavo Andrada Bandeira

### Resumo

O presente relato de experiência foi pensado e organizado a partir do material produzido dentro do processo de seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nele tentei discutir o que motiva um homem heterossexual a pesquisar os conceitos de gênero e sexualidade. Além de contar trajetórias de um menino na escola, relato brevemente minha passagem no curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde em boa parte do curso fui o único homem da turma. Nesse texto utilizo, para a construção do argumento, os conceitos de *gênero*, *sexualidade*, *discurso*, *norma*, *sujeito*, *identidade*, *linguagem*, *diferença*, *poder* e *corpo* ancorados nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais.

Palavras-chave: *Gênero*, *Sexualidade* e *Discurso*.



### Quando gênero e sexualidade se tornam problema para um homem heterossexual

Gustavo Andrada Bandeira<sup>1</sup>

O presente relato de experiência foi pensado e organizado a partir do material produzido dentro do processo de seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Após a primeira etapa, onde os candidatos realizam uma prova escrita específica para a Linha de Pesquisa desejada, acontece uma segunda etapa, onde é proposto que os candidatos escrevam um memorial descritivo, que deve conter além de suas experiências profissionais e acadêmicas as razões pelas quais ocorreu a escolha do Programa e da Linha de Pesquisa.

Como até a seleção não havia trabalhado em nenhum projeto da Linha de Pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero<sup>2</sup>, optei por basear a escrita solicitada em minhas experiências de vida e de como discussões de feministas, grupos gays e lésbicos poderiam interessar academicamente para um homem heterossexual e apontar algumas de suas ressonâncias em meu cotidiano.

Nesse texto tentarei discutir alguns conceitos ancorados nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais com os quais acredito ter sido possível construir argumentos para a importância dos estudos sobre gênero e sexualidade também para homens heterossexuais.

Entendendo que vivemos em uma sociedade machista e heteronormativa, não seria necessário fazer uma justificativa para trabalhar os conceitos de gênero e sexualidade se fosse uma mulher ou um homossexual. Assim como, por vezes, as discussões de classe social são mais focalizadas na pobreza, as discussões de raça/etnia entendidas como a situação dos negros, estudos de gênero podem ser confundidos com estudos de/sobre mulheres e estudos de sexualidade correm o risco de resumirem-se a situações de minorias sexuais. O homem heterossexual acaba sendo tomado como a

---

<sup>1</sup> Pedagogo com habilitação em Séries Iniciais, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na Linha de Pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero sob orientação da Professora Doutora Guacira Lopes Louro

<sup>2</sup> Meus envolvimento com a Linha de Pesquisa até aquele momento resumiam-se a algumas palestras das professoras Guacira Lopes Louro, Dagmar Meyer, Jane Felipe, Rosângela Soares e do professor Fernando Seffner e ao Ciclo de Cinema do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero).



norma, “o quadro de referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; (...) parte do ar que respiramos” (WEEKS, 2001, p.62).

### Construindo um homem heterossexual

Desde muito cedo como menino escolarizado, sentia um controle bastante significativo sobre práticas e experiências com a sexualidade que seriam as esperadas/desejadas para um homem heterossexual. Havia uma incitação para performances muito determinadas, limitadas. Um menino teria que mostrar interesse por um número incontável de meninas e, além disso, publicizar essa prática. Um dos conceitos importantes sobre sexualidade é entendê-la como pública, incitando confissões e exigindo atitudes. Como nos lembra Guacira Lopes Louro, “A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, (...) ela é “aprendida”, (...) é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (2001, p.11, grifos da autora).

As exigências de performances iam aumentando com o passar dos anos. Entonação de voz, assuntos, postura, modo de vestir e outros eram constantemente controlados e vigiados na escola, na rua, na família e em qualquer instituição com a qual tivesse contato. Era um controle paradoxal, pois ao mesmo tempo em que determinadas atitudes (olhar revistas pornográficas e masturbação) deveriam ser realizadas as escondidas, com grande chance de represálias institucionais se descobertas, o nome da(s) namorada(s) deveria ser sabido por todo o conjunto de relacionamento e esse número de meninas deveria obedecer a uma escala geométrica, preferencialmente tendendo ao infinito.

Naquela época (e ainda hoje), obviamente não respondia a todas as obrigações discursivas e achava que por isso tinha algum problema. Sentia uma culpa muito grande por não ser exatamente aquele homem que constantemente era lembrado que deveria ser. O que amenizava minhas angústias é que meus pares passavam pelas mesmas dificuldades que eu e mentiam descaradamente (assim como eu) na tentativa de atingir os imperativos discursivos postos. Aqui, cabe salientar a importância do conceito de discurso, pois, mesmo que ninguém fosse o tal homem que deveria ser, o discurso não perdia sua força, como lembra Tomaz Tadeu da Silva o “discurso produz seu próprio



objeto: a existência do objeto é inseparável da trama lingüística que supostamente o descreve” (2003, p. 12).

Entendia naquele momento que meus pares e eu éramos desprovidos de sexualidade. A sexualidade parecia algo a ser conquistado junto com outros imperativos como felicidade, estabilidade, matérias do futuro sempre situando-se na ordem do ‘ainda não’. Esse entendimento pode ser tencionando. A sexualidade não é de alguns ou exercida quando convém. O sujeito não deixa a sexualidade em casa guardada em uma caixa “a sexualidade faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’” (LOURO, 2004, p. 81, grifos da autora). Na produção do homem adolescente heterossexual havia uma essencialização da identidade na sexualidade. Enxergava meus pares e a mim como reduzidos a um ser sexual, a não correspondência com o discurso dominante de sexualidade marcaria definitivamente o fracasso dos sujeitos. Mas obviamente, essa adolescência não era tão infeliz, por mais que o drama juvenil machucasse, eu também era constituído de inúmeras outras posições de sujeito, pois “somos sujeitos de muitas identidades (...) identidades transitórias e contingentes” (LOURO, 2001, p.12). A identidade não era única, nem mesmo existia uma mais importante (às vezes algumas mais destacadas, mas não mais importantes), pois as identidades são múltiplas e “se interferem mutuamente, se articulam; (...) as identidades são sempre parciais, não-unitárias, teremos dificuldades de apontar uma identidade explicativa universal” (LOURO, 2004, p. 51-52).

Iniciei o texto argumentando que gênero e sexualidade poderiam ser um problema para homens heterossexuais. Porém o que tentei mostrar até aqui é que as formas pelas quais essa heterossexualidade tem que ser vivida ou desempenhada é bastante fixa. Não basta ser homem heterossexual para ser um sujeito normal. A heterossexualidade é produzida, controlada, medida, regulada. Produz-se assim, o mais e o menos heterossexual.

Mesmo entendendo gênero como um conceito relacional, onde ao se produzir o que é masculino se produz também o que é feminino, penso que existem formas de produções de masculinidades que independem do seu oposto, a feminilidade. A masculinidade tem que ser bem exercida, tem que ser acompanhada de importantes variáveis. É um tipo de corpo, de voz, de postura, de escolhas, de ações, que mais uma



vez produzem identidades e diferenças, os mais masculinos, os menos masculinos, os não-masculinos.

### Trocando a norma, quando o comum torna-se excêntrico

Na escrita do memorial descritivo destaquei uma passagem significativa de minha vida acadêmica. Reitero que leio o mundo em que vivemos como machista e heteronormativo, e até o ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, essa representação era pouco, ou quase nada, questionável. Em pelo menos metade das disciplinas cursadas durante os quatro anos de graduação fui o único homem da turma, a sala de aula tinha até mesmo um cheiro diferente das que até então havia frequentado.

O cotidiano acadêmico sofreu inúmeras modificações. O início da aula que antes vinha com um “Bom dia alunos” (mesmo que a maioria das estudantes fosse mulher), passou a iniciar com “Bom dia alunas”. Era gurias pra cá, gurias pra lá, ou então algumas falas como “Os homens são todos uns...”. Antes os comentários entre os colegas nos corredores eram todos do tipo: “Tu viste aquela parte daquela garota?” Agora os comentários passaram a ser: “Muda de assunto, isso não é coisa pra guri (eu, no caso) ouvir”. Virei o excêntrico, o outro, o estrangeiro, o diferente. Com meus relacionamentos fora da universidade, como futebol ou churrasco com amigos ainda ouvia algumas frases como: “Homem que é homem não faz Pedagogia, que é curso de mulherzinha, bichinha (assim mesmo, no diminutivo)”.

Durante o curso de Pedagogia comecei a me acostumar com essa nova ordem das palavras a linguagem era outra e produzia sentidos diferentes. “A linguagem atravessa e constitui a maioria de nossas práticas. (...) Ela não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela *os institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.” (LOURO, 2004, p. 65, grifos da autora). As palavras terminavam com “a” e não com “o”. Para o “bom dia alunas”, eu já respondia: bom dia.

Essa transição discursiva é produtora de significados, é escorregadia, cambiante. Sei que essa alteridade que representava naquele contexto específico, em outros locais, na maioria deles, afinal, “na sociedade brasileira, sem dúvida, é o homem branco heterossexual de classe média urbana a identidade-referência, aquela a partir da qual as



outras são constituídas” (LOURO, 2002, p. 234), seria entendida como a mesmidade, a norma, o correto. Isso permite tencionar o próprio conceito de diferença,

A diferença é essencialmente um processo lingüístico e discursivo. A diferença não pode ser concebida fora dos processos lingüísticos de significação. A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser “diferente” de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como “não-diferente”, também só faz sentido, só existe, na “relação de diferença” que a opõe ao “diferente”. Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder (SILVA, 2003, p. 87, grifos do autor).

Esses discursos plurais, localizados e parciais, ora posicionam um homem como normal e desejável, ora o produzem como exótico, excêntrico. Esses discursos não são neutros e não relatam ou descrevem uma suposta realidade, eles produzem realidades sempre em relações de poder, um poder que não é negativo e repressivo, “na verdade o poder produz: ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 2005, p. 161).

Por que um pedagogo heterossexual pretende discutir gênero e sexualidade na educação?

Como gênero pode ser definido como “a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher” (LOURO, 2004, p. 80) e concordando com Simone de Beauvoir ao lembrar que não se nasce mulher, torna-se mulher, posso entender que os homens também são produzidos e não uma realidade *a priori*. O conceito de gênero foi “criado no contexto da luta discursiva feminista, o conceito carregou as marcas dessa luta e, por isso, foi (e ainda é, em muitas instâncias) referido fundamentalmente as mulheres” (LOURO, 2002, p. 229, grifos da autora). No relato que descrevi mostrei como me sentia em processo de transformação/construção como jovem escolarizado. Tentei mostrar também como os conceitos podem ser deslocados e o que comumente é entendido como normal pode ser posto em posição de anormalidade. Além de reforçar que gênero não se refere somente as mulheres ou feminilidades, mas que é um processo de entendimentos de como pensar e sentir as masculinidades e feminilidades. Essas produções estão permeadas por relações de poder assimétricas e não-fixas. Assim como o estranhamento que senti no curso de pedagogia,



existem outros locais, um pequeno número, que mostram as mulheres como o referente de organização<sup>3</sup>.

Assim como o conceito de gênero é produtivo para pensar as construções de masculinidade, o mesmo pode ser dito para o conceito de sexualidade. Entendendo sexualidade como “a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais” (LOURO, 2004, p. 80), o conceito não exclui a heterossexualidade. Os sujeitos constroem suas identidades sexuais “através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as” (LOURO, 2004, p. 26).

Atendendo a agenda de feministas pós-críticas preocupadas com a educação,

(...) cabe problematizar (...) não apenas as identidades “marcadas”, mas também a identidade tida como “não problemática”: a identidade masculina branca heterossexual (e talvez com maior necessidade no campo da Educação, já que essa é, usualmente, a identidade mais vigiada e controlada, no processo tido como de “formação” dos sujeitos) (LOURO, 2002, p. 235, grifos da autora)

Para que esses investimentos tenham relevância com a sala de aula é importante entender a educação como um conjunto amplo de práticas culturais e que na escola participamos da produção desses sujeitos em seus processos permanentes “continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível” (LOURO, 2004, p. 63). Na escola produzimos corpos, ensinamos como eles devem ser, o que é certo e o que é errado. “Os corpos são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos...” (CORRIGAN apud LOURO, 2001, p.17-18, grifos da autora). Essas discussões tornam-se relevantes quando entendemos que além de conteúdos, ensinamos nossos alunos/as formas de ser e estar no mundo ou nisso que conseguimos pensar, sentir e chamar de mundo.

### Referências

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 30ª ed., 2005.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.

---

<sup>3</sup> Ver PEREIRA, Paulo Fábio, projeto de dissertação qualificado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem com o título Enfermagem e masculinidades, orientado pela Professora Doutora Dagmar E. E. Meyer.



\_\_\_\_\_. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2<sup>a</sup> ed., 2001.

SILVA T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2<sup>a</sup> ed., 2003.

WEEKS J. O corpo e a sexualidade In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2<sup>a</sup> ed., 2001.



Start studying sociologia - g<sup>â</sup>nero e sexualidade. Learn vocabulary, terms and more with flashcards, games and other study tools.Â O que quer dizer "Ningu<sup>â</sup>m nasce mulher, mas torna-se mulher"? de simone. ela contesta que o pensamento determinista no final do s<sup>â</sup>c. 19 que usava a biologia para inferiorizar a mulher. para ela ser mulher <sup>â</sup>o constru<sup>â</sup>o social e cultural. livro que Judith lan<sup>â</sup>ou. queer - diz que g<sup>â</sup>nero, sexo e orienta<sup>â</sup>o sexual s<sup>â</sup>o constru<sup>â</sup>es sociais. luiz felipe pond<sup>â</sup> sobre g<sup>â</sup>nero. defende os direitos das pessoas, mas acha errado ensinar g<sup>â</sup>nero para crian<sup>â</sup>as. fam<sup>â</sup>lia nuclear. apenas pai, m<sup>â</sup>e e filhos. Segundo a orienta<sup>â</sup>o de g<sup>â</sup>nero trata-se da forma como o indiv<sup>â</sup>duo apresenta determinados comportamentos, pap<sup>â</sup>is de g<sup>â</sup>nero que ele exp<sup>â</sup>me, juntamente com a identidade g<sup>â</sup>nero que ele tem, em que estes n<sup>â</sup>o s<sup>â</sup>o moldados unicamente pelos contatos sociais, mas pela forma<sup>â</sup>o do feto e todo seu desenvolvimento para uma orienta<sup>â</sup>o de g<sup>â</sup>nero (masculina, andr<sup>â</sup>gena ou feminina). Por <sup>â</sup>ltimo, a orienta<sup>â</sup>o sexual que se refere aos sentimentos, emo<sup>â</sup>es e desejos sexuais (homossexual, bissexual ou heterossexual) 10,11 .<sup>â</sup> Contudo, as contradi<sup>â</sup>es tamb<sup>â</sup>m apontam para um curso vivo, din<sup>â</sup>mico e em transi<sup>â</sup>o paradigm<sup>â</sup>tica, onde h<sup>â</sup> possibilidades de se vivenciar com plenitude pedag<sup>â</sup>gica processos de educa<sup>â</sup>o sexual numa abordagem emancipat<sup>â</sup>ria. Num segundo momento, procurou-se olhar para como quest<sup>â</sup>es de g<sup>â</sup>nero e sexualidade se tornavam relevantes nas intera<sup>â</sup>es. Concluiu-se que, diferente de outras conversas face-a-face, o RPG possui rela<sup>â</sup>es de enquadre bem espec<sup>â</sup>ficas e altamente m<sup>â</sup>veis, que s<sup>â</sup>o definidas pela pr<sup>â</sup>pria modalidade do jogo. A forma como os participantes se alinham aos enquadres varia, primeiro de enquadre a enquadre, mas tamb<sup>â</sup>m a partir de seus conhecimentos e experi<sup>â</sup>ncias compartilhadas como grupo social minorit<sup>â</sup>rio. Um homem me persegue/manda mensagens constantemente e por v<sup>â</sup>rios meios Sou assediada todos os dias pelos homens por achar que minha vida <sup>â</sup> s<sup>â</sup> sexo Um homem perseguia e n<sup>â</sup>o se conformava com a n<sup>â</sup>o correspond<sup>â</sup>ncia,e passou a fazer perfis falsos para afastar amigos (etc),difamando a v<sup>â</sup>tima,fazendo-se passar por ela.<sup>â</sup> Lacunas na legisla<sup>â</sup>o: A Lei Antirracista n<sup>â</sup>o prev<sup>â</sup> ofensas ou incita<sup>â</sup>es ao <sup>â</sup>dio com base em g<sup>â</sup>nero e/ou sexualidade.Os casos previstos na lei s<sup>â</sup>o de a<sup>â</sup>o penal p<sup>â</sup>blica<sup>â</sup> Qualquer resposta <sup>â</sup> quest<sup>â</sup>o deve considerar o car<sup>â</sup>ter multissetorial de governan<sup>â</sup>sa da rede, principalmente em um pa<sup>â</sup>s onde o acesso <sup>â</sup> justi<sup>â</sup>sa e desigualdades de g<sup>â</sup>nero, ra<sup>â</sup>sa e classe, tornam bastante dif<sup>â</sup>cil a resolu<sup>â</sup>o de conflitos por meio do judici<sup>â</sup>rio